

Herberto Helder

A MORTE  
SEM MESTRE

*Tudo quanto neste livro possa parecer acidental  
é de facto intencional.*



Herberto Helder

A MORTE  
SEM MESTRE

## **A Morte sem Mestre**

Herberto Helder

Publicado em Portugal por  
Porto Editora  
[www.portoeditora.pt](http://www.portoeditora.pt)

© Herberto Helder  
© Porto Editora, 2014

Na sobrecapa: caligrafia de Herberto Helder

1.ª Edição: Maio de 2014

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.



Rua da Restauração, 365  
4099-023 Porto | Portugal

[www.portoeditora.pt](http://www.portoeditora.pt)

---

Execução gráfica **Bloco Gráfico, Lda.**  
Unidade Industrial da Maia.

DEP. LEGAL 375725/14  
ISBN 978-972-0-04668-0



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.  
Os prejudicados somos todos nós.

# A MORTE SEM MESTRE



nunca estive numa só linha a tão vertiginosa altura,  
oh Anjo Príapo, oh Nossa Senhora Cônia!  
quando nos vimos nus um em frente ao outro,  
em nossa primeira noite nos começos do mundo,  
numa pensão rasca de um bairro de quinta ordem,  
o putedo sai que entra pelos quartos à volta  
— peço por isso que um qualquer erro de ortografia ou  
sentido  
seja um grão de sal aberto na boca do bom leitor impuro.

o teu nome novo, comecei eu a tirá-lo com uma navalha  
da madeira grossa,  
e nunca mais saía a única letra até dentro,  
a primeira, e já toda a mão me sangrava  
com o talho à volta dos dedos,  
e a letra e o melhor do meu sangue e a seiva  
metiam-se pela ferida como se ela mesma fosse  
o meu trabalho apenas,  
sangue que escorria pulso abaixo e me escoava:  
a própria lavra da escrita —  
;oh quando arranjarei mão que alcance em sangue e força  
o fundo final desse começo de ti,  
nome terreno,  
isso: coisa amada tanto quanto o alvoroço mortal deste fim  
de idade:  
será que nenhum poder me devasta ainda?

que um nó de sangue na garganta,  
um nó de ar no coração,  
que a mão fechada sobre uma pouca de água,  
e eu não possa dizer nada,  
e o resto seja só perder de vista a vastidão da terra,  
sem mais saber de sítio e hora,  
e baixo passar a brisa  
pelo cabelo e a camisa e a boca toda tapada ao mundo,  
por cada vez mais frios  
o dia, a noite, o inferno, o inverno,  
sem números para contar os dedos muito abertos  
cortados das pontas dos braços,  
sem sangue à vista:  
só uma onda, só uma espuma entre pés e cabeça,  
para seque um jogo ou uma razão,  
oh bela morte num dia seguro em qualquer parte  
de gente em volta atenta à espera de nada,

um nó de sangue na garganta,  
um nó apenas duro